

## ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIAS: A RECEPÇÃO DE O CONTO DA AIA

Alessa Nara Fortunato Pena<sup>1</sup>  
Gilberto César de Noronha<sup>2</sup>.

### RESUMO

O conto de aia é um romance distópico de Margaret Atwood, publicado em 1985, cuja história se passa em um futuro pós-apocalíptico quando os Estados Unidos se transformaram na República de Gilead, uma teocracia totalitária que subjuga as mulheres. A protagonista, Offred, é uma aia, uma mulher obrigada a servir como esposa e reprodutora para um alto funcionário de Gilead. O artigo analisa a recepção da obra no Brasil tomando como fontes resenhas de leitores publicadas em sites e blogs brasileiros contemporâneos. Procura-se evidenciar como a obra tem sido lida no Brasil contemporâneo, pautando-se em três recortes espaço-temporais: 2015-2016 (antes da consumação do Golpe de 2016), 2017-2018 (contexto após o lançamento da série), 2019-2022 (Governo de Jair Bolsonaro). O intuito é analisar como os leitores relacionam o enredo com o contexto político e social do país.

**Palavras-chave:** recepção literária; autoritarismo; democracia; memória

### BETWEEN PAGES AND MEMORIES: THE RECEPTION OF THE HANDMAID'S TALE

#### ABSTRACT

The Handmaid's Tale is a dystopian novel by Margaret Atwood published in 1985, the story set in a post-apocalyptic future where the United States has turned into the Republic of Gilead, a totalitarian theocracy that subjugates women. The protagonist, Offred, is a handmaiden, a woman forced to serve as a wife and breeder for a high-ranking Gilead official. The article analyzes the reception of the work in Brazil taking as sources reader reviews published on contemporary Brazilian websites and blogs. It seeks to show how the work has been read in contemporary Brazil, based on three spatio-temporal cuts: 2015-2016 (before the consummation of the 2016 coup), 2017-2018 (context after the launch of the series), 2019-2022 (Government of Jair Bolsonaro). The intention is to analyze how readers relate the plot to the political and social context of the country.

**Keywords:** literary reception; authoritarianism; democracy; memory

### ENTRE PÁGINAS Y RECUERDOS: LA RECEPCIÓN DE O CONTO DA AIA

#### RESUMEN

O conto da aia es una novela distópica de Margaret Atwood publicada en 1985, cuya historia se desarrolla en un futuro postapocalíptico donde los Estados Unidos se han convertido en la República de Gilead, una teocracia totalitaria que subyuga a las mujeres. La protagonista, Offred, es una criada, una mujer obligada a servir como esposa y reproductora para un alto funcionario de Gilead. El artículo analiza la recepción de la obra en Brasil tomando como fuentes reseñas de lectores publicadas en sitios web y blogs brasileños contemporáneos. Se busca evidenciar cómo la obra ha sido leída en el Brasil contemporáneo, basándonos en tres recortes espacio-temporales: 2015-2016 (antes de la consumación

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia; e-mail: alefortt013@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História Social. UFU. noronha.gilberto@ufu.br

del golpe de 2016), 2017-2018 (contexto tras el lanzamiento de la serie) y 2019-2022 (Gobierno de Jair Bolsonaro). El objetivo es analizar cómo los lectores relacionan el argumento con el contexto político y social del país.

**Palabras clave:** recepción literaria; autoritarismo; democracia; memoria

### Introdução

A teoria da estética e recepção literária possibilita refletir sobre as ações do leitor como um sujeito consciente, capaz de tecer críticas, não apenas ao mundo fictício como também à dimensão sociopolítico cultural vivida. Propicia pensar as possibilidades de tornar a literatura um instrumento capaz de promover o pensamento crítico, ao correlacionar a interpretação dos leitores aos elementos naturais, os sentimentos e as normas do mundo do autor e do leitor representado na narrativa e na sua recepção, trazendo a viabilidade da identificação com a fantasia, atribuindo uma função social para a obra, ensejando-nos a questionar as interseções entre o real e o factível. Dessa maneira, partimos do pressuposto de que a literatura desempenha um papel fundamental na construção e percepção de mundo, visto que, o leitor ao ter contato com a narrativa se posiciona diante a vivência dos personagens a partir de seus princípios socioculturais, estabelecendo reflexões críticas sobre o verossímil, não raro, estabelecendo uma ponte com os contextos históricos já vivenciados.

Portanto, apenas a narrativa em seu estado natural não é capaz de dar sentido crítico ao conteúdo, são as experiências dos leitores que fazem com que a obra ganhe sentido. Como aponta Jauss, uma obra não deve ser vista como parte da história cronológica, há de considerar seu impacto em seu tempo histórico, ou seja, o momento de produção, sua função social e sua ação no tempo<sup>3</sup>. Nesse sentido, é necessário reconhecer o espaço de experiência e o horizonte de expectativas do leitor, pois, é a partir de suas concepções que ele dará sentido à obra, dado que, diante a leitura suas considerações sociais, intelectuais e ideológicas influenciará na compreensão linguística literária. Assim sendo, é importante considerar a recepção dos leitores a partir do sentido em que eles atribuem a obra, por meio da capacidade de interpretar o dito e o não dito nas entrelinhas que conseqüentemente corrobora para a construção crítica reflexiva, historicizando a literatura.

É nesse ínterim que analisaremos a recepção do romance distópico *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, publicado em 1985, traduzido pela editora Marco Zero em 1987, cuja

---

<sup>3</sup> JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994, p. 57.

história se passa em um futuro pós-apocalíptico onde os Estados Unidos se transformaram na República de Gilead, uma teocracia totalitária que subjuga as mulheres. A protagonista, Offred, é uma aia, uma mulher obrigada a servir como esposa e reprodutora para um alto funcionário de Gilead. Mas, que só chegou em seu auge de vendas com a editora ROCCO a partir de 2017. Interessamos, neste texto, portanto, não apenas as condições históricas de produção da obra e sua construção da realidade, mas sobretudo a sua recepção no Brasil. Desde a opinião dos leitores que publicam em blogs, evidenciando suas reflexões, analisaremos a enunciação desses afetos com outros discursos autoritários e antidemocráticos já vivenciados não só pelos brasileiros no passado, como tem ocorrido no presente e foram percebidos mediante a compreensão desses leitores que destacaram alguns pontos de semelhança com a realidade brasileira.

A fim de perceber como os leitores interpretaram e produziram sentido para a obra, buscaremos apresentar como se deu o estabelecimento do ponto de interseção entre a percepção da distopia gileadeana e suas possíveis relações com a sociedade brasileira contemporânea. A amostra a ser analisada consistirá no levantamento de resenhas da obra “O Conto da Aia”, disponíveis em sites e blogs algumas correlações com a sociedade brasileira, A proposta é pensar com a literatura questões sociais contemporâneas, por meio da interpretação e dos sentimentos evocados pela narrativa de Margaret Atwood, quando destacam as experiências individuais e coletivas ao trazerem tais referências em suas reflexões.

Nesse sentido, nosso esforço é para evidenciar os aspectos da literatura diante a recepção crítica e afetiva dos leitores, como artefato histórico que nos possibilita não uma aproximação simples entre a obra e da realidade brasileira, mas uma chave de leitura em busca da compreensão de nossa percepção do funcionamento das sociedades totalitárias e seus modos de gerir o passado abordando historicamente (as leituras do passado e os projetos de futuro) do Brasil contemporâneo. Contudo, a inquietação que movimenta este estudo reside na problematização dessa relação no romance distópico: como interpela os vestígios da memória na leitura da recepção dessa distopia, cujo texto fornece rastros do passado realocados sob a forma de ficção no romance e pode fazer irromper lembranças e sentimentos políticos. Assim sendo, pretende-se pensar à luz da literatura as questões brasileiras contemporâneas procurando-se identificar as aproximações possíveis entre estas duas realidades, levando-se em conta os aspectos da verossimilhança pelos quais a literatura opera e as escalas de verdade com as quais a história trabalha, entre o falso e o factível, entre o possível e o provável.

### O conto da AIA

Marcando seu auge de vendas em 2017, *O Conto da Aia* é um romance distópico, escrito em 1984 pela escritora canadense Margaret Atwood, publicado em 1985 pela editora *McClelland and Stewart* com o título original de *The Handmaid's Tale*. A obra foi publicada no Brasil em 1987 pela editora Marco Zero, traduzido por Márcia Serra, ganhando o nome de *A História da Aia*. Pouco se sabe sobre a recepção dessa primeira edição. O Brasil de 1987 encontrava-se no processo de abertura democrática que culminou com o fim da ditadura militar da época. Muitos jornais ainda eram censurados, mas, pelo histórico da editora Marco Zero, fundada em 1980, ainda durante a ditadura, é marcada por editorações que tentavam de alguma forma fazer resistência ao sistema opressor, até seu fechamento que foi provocado por questões iminentes da ditadura<sup>4</sup>. Apesar de encontrarmos certa rigidez de alcance no cenário nacional, a narrativa continuou repercutindo no cenário internacional, até que, em 2017, repercutiu em solo brasileiro.

Entre 1987 e 2017, a narrativa descrita no romance foi adaptada para vários canais e veículos de comunicação. No ano de 1990, a obra ganha uma versão longa-metragem para os cinemas, que, apesar de não ter indícios de que circulou nos cinemas brasileiros, estava disponível no catálogo da Telecine Play, em 2018, com o título *O Conto da Aia*, sendo exibido algumas vezes no Telecine Cult, no início de 2020. Porém, o filme deixou o catálogo do streaming e não há informações de retorno. No Brasil, o filme foi intitulado como *A decadência de uma espécie* e foi produzido por Harold Pinter e pela própria autora do livro Margaret Atwood.

A obra também foi adaptada para o ballet e ópera, sendo a ópera composta por Poul Ruders anos 2000, ela traz a narrativa na qual as mulheres são vistas como somente uma máquina de reprodução de um governo teocrático, gerido por uma classe dominante. As mulheres vestem vermelho e ficam imortalizadas por serem férteis. O concerto retrata também alguns artefatos que remetem aos regimes autoritários que são expostos pelo palco. Estreou no Teatro Real de Copenhague-Dinamarca, posteriormente sua produção foi passada para a English National Opera em 2003, que teve apresentações em Londres, em Toronto em 2004 e

---

<sup>4</sup> NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. **Entrevistas**, Cad. Trad. 40. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308>. Acesso em: 31/03/2023.

recentemente, durante a pandemia de Covid-19 na Inglaterra.<sup>5</sup> Já a peça teatral foi composta pelo dramaturgo Cincinnati Joe Stollenwerk. Nesta encenação a personagem principal, estrelada por Mohlenhoff, fica sozinha durante toda a apresentação, procurando representar com fidelidade todas as cenas emocionantes presentes na obra escrita por Atwood.

Anos depois da referida obra ser lançada, ela volta a ser destaque com a produção de *streaming The Handmaid's Tale* pela plataforma Hulu, produzida por Bruce Miller, foi lançada em 26 de abril de 2017, nos Estados Unidos. No Brasil, passou a ser exibida pelo canal Paramount Channel em 11 de março de 2018, inserida novamente em um cenário mundial de polarizações ideológicas, políticas e religiosas. De um lado, a estreia da série no território norte americano coincidiu com a posse de Donald Trump, reforçando algumas ansiedades e inquietações no seio da sociedade americana, demonstrando suas profundas tensões ideológicas que se relacionam com a narrativa tanto da obra quanto da série, na qual viam uma semelhança com o presidente e seu governo, uma vez que Trump não media esforços para menosprezar o papel da ONU, não dava a devida importância para o aquecimento global, ao banir viajantes, a maioria muçulmanos, ao barrar concessões federais e pelas posições homofóbicas e antiaborto.<sup>6</sup>

No Brasil a série afetou a produção da impressão dos manuscritos, o livro foi relançado pela editora Rocco em maio de 2017 - um mês após o lançamento do streaming nos Estados Unidos, que eclodiu em repercussão nas redes sociais. Do mesmo modo, o Brasil estava inserido em um contexto político no qual as correntes conservadoras da chamada (nova) direita que pregam misoginia e o fim das minorias estavam em crescente ascensão. Assim, após o lançamento da série e a consolidação de sua popularização, é perceptível as mudanças mercadológicas da obra e uma nova introdução dada à versão norte-americana, na qual a autora evoca a gênese da obra, ressaltando que não escreveu nada do que já não tivesse existido até aquela época e que o intuito era demonstrar que uma democracia liberal é passível de se transformar em um regime, não só totalitário, como também totalitário teocrático, como é o caso da sociedade de Gilead apresentada em *O Conto da Aia*.

Atentando-se para a repercussão da obra na sociedade brasileira, observa-se que a mesma só ganha maior relevância após o lançamento da série. Após a exibição dos primeiros episódios e suas repercussões nas redes sociais o livro conquista uma nova onda de leitores.

---

<sup>5</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. **The Handmaid's Tale' vira ópera em Londres.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/the-handmaids-tale-vira-opera-em-londres-e-remete-a-guerras-do-mundo-real.shtml> . Acesso em: 31/02/2023.

<sup>6</sup> THE GUARDIAN. **Trump election reframed tv version of The Handmaid's Tale says Margaret Atwood.** Disponível em: [Trump election reframed TV version of The Handmaid's Tale, says Atwood](https://www.theguardian.com/culture/2023/may/30/trump-election-reframed-tv-version-of-the-handmaid-s-tale-says-atwood). Acesso em: 30/05/2023.

**Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 51 – 71, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Marcada pela re-tradução da obra, por Ana Deiró, agora ganha o título “O Conto da Aia”, além de uma nova capa que é composta por uma imagem da série do Hulu. Nesse sentido, fica evidente a recepção positiva da série, nos levando a hipótese de que é a produção audiovisual que vende a obra literária e não o inverso, uma vez que após a produção da série o livro voltou às listas de mais vendidos do ano logo após a exibição da primeira temporada. Outro fator que nos leva a construir este argumento é a própria data de lançamento da nova edição da tradução aqui no Brasil, que inicialmente havia sido traduzida em 2006, mas, ao decorrer desse período entre a compra dos direitos de tradução e a explosão de interesses pela obra, a mesma não era encontrada com facilidade nas prateleiras do mercado livreiro, como bem destaca alguns leitores em suas resenhas críticas<sup>7</sup>. Foi apenas em junho de 2017 que o mesmo voltou para o mercado editorial, dois meses após a estreia da produção audiovisual, se tornando best-seller.

Por fim, o próprio mercado editorial, aproveitou o avalanche do sucesso do streaming e a repercussão das vendas da obra física para lançar novas edições da obra, como é o caso da edição de 2019 que retrata ainda mais a aproximação visual da série ao adotar na capa um fundo preto e a uma Aia vestida de vermelho com seu chapéu, olhando para baixo. Houve também em 2019 o lançamento de uma obra intitulada *graphic novel*, uma espécie de história em quadrinhos que utiliza-se das cores para retratar a subjetividade e os sentimentos da personagem principal. Além disso, houve também uma nova edição do livro em 2019 contra a censura e a eventual possibilidade de queimá-lo, uma vez que nos Estados Unidos o livro estava entre um dos mais proibidos nas escolas, acreditamos que tal decisão se deu pelo fato de que na década de 1990, o livro era o trigésimo sétimo lugar entre os cem livros mais proibidos e na primeira década dos anos 2000 ficou em 88°. A argumentação para tal posicionamento foi construída em cima da narrativa de que o conteúdo do livro fazia apologia a conteúdo sexual, difamatório e vulgar.

Embora a relação entre cinema e literatura para o impulsionamento da divulgação e venda das obras não seja nova, nesse fenômeno de vendas mais recente, a novidade parecia ser o fato de que essa relação se deu no ambiente da internet com a chegada do streaming, oficialmente em 2018, no Brasil e muitos leitores começam a publicar na internet em seus sites e blogs resenhas sobre suas impressões de leituras, descrevendo os sentimentos e impressões ao lerem a narrativa e como a série os faziam refletir sobre as aproximações entre a sociedade fictícia e a realidade. Para além das ações articuladas pelos produtores em diversas plataformas

---

<sup>7</sup> “O Conto da Aia estava presente em quase todas as listas, mas fora de catálogo pela editora Rocco. Com o anúncio do seriado o livro ganhou nova edição” (LEITORA VICIADA, 2017)

para venderem a obra, questionamos se a recepção da obra pelos leitores brasileiros que ressaltam em suas resenhas alguns pontos de semelhança entre o que liam. Como os leitores se apropriaram da obra, nas circunstâncias históricas em que circulou a obra no Brasil? ,Como a leitora do blog “A mina de fé” destaca:

Esse é um livro de ficção científica bem forte de se ler, a linha do tempo dele também é um pouco complicada de se entender, assim como a escrita, mas foi de grande aprendizado. Eu assisti a primeira temporada da série e a cada episódio eu ficava mais chocada, As coisas no livro acontecem mais devagar e de uma forma bem diferente. Mas eu gostei sim do livro apesar de achar complicado de entender, ele tem muita emoção, é um mundo paralelo onde as mulheres perdem todos os direitos, uma verdadeira ditadura. Offred é a personagem principal, uma Aia (mulher usada para procriação). Haviam várias delas e todas tinham o propósito de ficar em determinada casa até conceber um filho ao casal. Como eu já disse é um livro forte, e por mais que seja antigo, as questões políticas tratadas nele são muito atuais. Eu acho que vale super a leitura. (A MINA DE FÉ, 2021)

### **O texto, o ressurgimento e o contexto**

O que mudou para que, após seus 30 anos de lançamento a obra ganhasse notoriedade, conquistando o patamar de best-seller? O que permaneceu, para além do texto do livro, para que fossem possíveis as apropriações históricas atuais? Por que o texto ainda tem algo a dizer ao leitor? Nesse sentido, o que nos chama mais atenção são as relações do cenário político-social em que a obra foi traduzida pela editora Marco Zero e pela retradução da editora ROCCO quando ganha uma nova capa em 2017.

Inicialmente, a tradução feita em 1987 cujo título é denominado “A História da Aia” como já citado anteriormente, estava contido em um contexto político de reabertura dos movimentos democráticos, após mais de 20 anos de um regime que promovia a violência, tortura, perseguição e censura a tudo e a todos que não seguiam as imposições feitas pelos militares. Nesse sentido, o livro é lançado depois de 2 anos do fim da Ditadura Militar, quando boa parte da população ansiava por direitos e vivia num clima de participação social no bojo da discussão da nova Constituição que marcou profundamente a história da democracia no Brasil. Nesse período, o Brasil vivia sua utopia democrática quando se tem como comparação a sociedade de Gilead, uma vez que é assegurado os direitos universais a todos os cidadãos do país.

Em uma entrevista concedida por Lindoso, um dos fundadores da editora<sup>8</sup> fala um pouco sobre as mudanças dos títulos da obra que originalmente denomina-se “The Handmaid's Tale”, que indiretamente dialogava com o momento histórico. A subjetividade e a parcialidade também existente nas traduções, pode ter influência no modo traduzir. Deste modo, a primeira tradução chamada “A História da Aia” em termos conceituais reforça a concepção de que é o relato de uma pessoa, relacionados a eventos e/ou fatos já ocorrido, passando uma maior credibilidade não só para a construção narrativa como a própria afirmação da subjetividade da personagem principal. O que nos leva a refletir que a escolha por “História” pode ter sido influenciada pelo contexto das diretas já - um movimento que mobilizou a população para lutar contra o regime militar e a favor de novas eleições presidenciais que colocava como ponto principal a História dos movimentos sociais e a luta pela reivindicações de direitos. A realidade fictícia de uma sociedade totalitária parecia estar circunscrita ao passado historicamente determinado.

Por sua vez, a retradução feita em 2017, manteve-se o mesmo título da tradução feita pela editora ROCCO em 2006, intitulada como “O Conto da Aia”, agora publicada com selo principal, atestando o prestígio dentro do sistema literário brasileiro tendo como suporte do programa AntConc, sendo associada agora também aos conceitos de gênero “ficção científica”, “distopia” e “ficção especulativa”, sendo essas classificações importantes de se analisar também como influência para a escolha e visibilidade da escolha do título. Assim, marcada por um contexto na qual as consequências das jornadas de Junho de 2013 e do golpe de Estado de 2016 - um dos marcos do desmantelamento da Constituição Federal - dentro de uma narrativa que sustenta a base do discurso de um conjunto de ações em torno de questões ligados a corrupção, a ética e a moral, marcam a mudança radical entre a instituições públicas que alteram uma série de formas de sociabilidades. Nesse sentido, a escolha do termo “Conto” nos remete em termos conceituais a associações imaginárias, de que a narrativa construída pela personagem principal pode ter sido inventada.

Entretanto, neste momento cresce também o debate do termo de ficção especulativa como uma narrativa que, apesar de ser considerada distopia se questiona o grau de distanciamento que essa narrativa está da realidade (para não falar do próprio questionamento das fronteiras entre o que é histórico e o que é ficcional) e o quão possível isso é passível de ocorrer em breve, sendo que o título remete a uma coisa distante e imaginativa, que nos leva a

---

<sup>8</sup> NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. *Entrevistas*, Cad. Trad. 40. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308>. Acesso em: 31/03/2023.

questionar quais são as relações possíveis entre esse debate de ficção especulativa que não está tanto distante da sociedade com o começo de uma era que foi marcada pelos retrocessos dos direitos humanos, misoginia, exclusão de minorias, sempre controlado por dispositivos de poderes dissipados pelos discursos em massa de uma pequena parcela da população e entre outros como nos é apresentado na narrativa descrita por Margaret Atwood.

### As discursividades da recepção

Como afirma Benjamin em sua obra “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura”<sup>9</sup>, a narrativa é algo que pode ser frequentemente questionada, a informação que a obra traz não se altera, porém, a narrativa do ponto de vista interpretativo não se esgota, a cada contexto vivenciado é possível esclarecer ou apontar inúmeros desdobramentos, pois a mesma está embasada na experiência vivida. É através da força crítica que perpassa pela interpretação dos movimentos históricos que a narrativa continua viva atravessando o tempo e o espaço. Ou seja, é por meio das lacunas deixadas no processo da interpretação que se torna possível a alta gama de possibilidades de análises históricas do gênero literário, principalmente do gênero distópico, que consiste em sua própria essência dispor de lacunas que paradoxalmente, possui um sentido sombrio, especulativo e ao mesmo tempo traz inquietações e um sentimento de querer mudanças, sendo capaz de promover lapsos de reflexões críticas por meio da narrativa as projetando no presente ou em um futuro breve.

A conjuntura em que o O Conto da Aia eclodiu no século XXI é marcada pelas condições do espaço, tempo, cultura e relações sociais muito semelhantes às críticas no contexto em que a obra foi lançada. Mantelados pelo desmoronamento da ascensão de correntes conservadoras, como por exemplo as eleições de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan, juntamente com o crescimento dos movimentos religiosos e culturais, que tinha por objetivos tanto frear os “avanços da revolução sexual” das décadas antecedentes quanto combater as perigosas ideias tidas como comunistas. Ademais, como Cândido bem salienta, a literatura “é uma construção de objetos autônomos, com estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (CANDIDO, 2002, p.20).

---

<sup>9</sup> WALTER, Benjamin **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Brasiliense. 2022.  
**Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 51 – 71, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Portanto, para evidenciar essa percepção na prática cotidiana da sociedade, recorreremos inicialmente aos sites e blogs que publicaram críticas e atestaram a popularidade d'O Conto da Aia. Procuramos evidenciar como a obra é lida no Brasil, pautando-se em 3 recortes espaço-temporais. Inicialmente, destacaremos as críticas ao livro de 2015-2016, quando o cenário político do Brasil ainda não estava tomado pelas políticas econômico-liberais e político-conservadoras que ascenderam ao centro da política, e após o Golpe de 2016, mas já começa a se inserir nesse contexto; posteriormente analisaremos o recorte 2017-2018 cuja temporalidade está inserida em um contexto após o lançamento da série, com fortes influências dos respaldos do golpe de 2016, marcando o início da ascensão e consolidação dos grupos de extrema direita, e os efeitos dos discursos da campanha eleitoral que acabou elegendando Jair Bolsonaro. Logo após, com o marco de 2019-2022 buscaremos evidenciar qual foi a concepção dos leitores brasileiros ao pesquisarem o termo 'O Conto da Aia' diante das vivências no governo Bolsonaro, com o intuito de analisar como os leitores relacionam o enredo ao contexto sócio-político.

### A recepção de o conto da AIA

Não creio que a literatura tenha a obrigação de ter alguma função predeterminada, mas me parece que livros como este escrito por Margaret Atwood representam um tipo de leitura fundamental para compreender e ampliar a visão de mundo, quem sabe até para criar algum tipo de empatia e eliminar preconceitos com relação à luta pelos direitos da mulher. Nesse sentido, além de nos entreter com uma história tensa e cheia de momentos impactantes, um livro como esse teria função de alertar os leitores a respeito da gravidade de se misturar política e religião, bem como de escancarar o quanto o pensamento machista é retrógrado e danoso para uma sociedade. (ESCOTILHA LITERÁRIA, 2017)

O universo da amostra consiste no total de 54 resenhas críticas sobre o livro o conto da aia que foram encontrados por meio de uma busca simples no google, as palavras chaves utilizadas foram “resenhas” “o conto da aia” “distopia”, a partir da busca geral utilizando a ferramenta de busca por data a qual filtramos pelas seguintes datas: “2015” “2016” “2017” “2018” “2019” “2020” “2021” e “2022”. Assim encontramos 4 resenhas para compor a temporalidade de 2015; 1 publicada em 2016; 12 para o recorte de 2017; 13 para o ano de 2018; no ano de 2019 encontramos 10 resenhas publicadas; em 2020 marcamos 6; em 2021 encontramos 3 e por fim em 2022 analisaremos 6 resenhas também. Assim, para o primeiro recorte temporal da pesquisa (2015-2016) registram-se 5 resenhas, para o segundo recorte

(2017-2018) trabalharemos com 24 resenhas e no terceiro analisaremos 25 resenhas dentro do recorte de (2019-2022).

De forma geral, no ano de 2015 os leitores se mostravam mais impactos com a trama do que com a verossimilidade direta com a sociedade brasileira, das 4 resenhas apenas 1 cita diretamente que a leitura não foi fácil devido ao “momento político brasileiro onde direitos das mulheres estão sob ameaça por uma bancada reaçã e fundamentalista” e pela abordagem indireta ao cenário brasileiro quando a/o leitor do blog Lulunetes escreve abertamente suas impressões da obra e cita como pareceu ser uma “alegoria ao nosso sistema patriarcal. De como o patriarcado, com o passar das gerações, foi definindo o objeto no caso a mulher”, que apesar de não conter nenhuma palavra chave que remeta diretamente ao Brasil o termo “nosso sistema patriarcal” se refere ao sistema patriarcal presente na sociedade brasileira trazendo também alguns detalhes de como essa imposição se dá:

Tomamos como verdades as inversões culturais que nossas antepassadas foram forçadas a acreditar, como: na família monogâmica (a monogamia existe apenas para a mulher. Aos homens a poligamia é permitida.); o aprisionamento da mulher ao lar (nas sociedades comunitárias essas atividades eram divididas entre a comunidade). Ainda há quem acredite que atualmente as mulheres atingiram a igualdade. Infelizmente o cenário se mostra bastante diferente do ideal, pois não temos o mínimo direito à escolha ao aborto seguro e sofremos com a desigualdade de salário na mesma função. (LULUNETTES, 2015)

Analisando o universo do ano de 2016, o qual é composto por apenas 1 resenha encontrada pela busca simples, os sentimentos de choque e dor estão presente na descrição da resenha juntamente com a anunciação de que é essa a intenção da autora, relatando que é uma obra para “abrir os olhos de quem não enxerga o quão doentios são os pensamentos que estão aqui hoje na nossa sociedade” (DELIRIUM NERD, 2016) e que para as mulheres o livro é uma realidade mais palpável. Assim, de forma geral, para o primeiro recorte da análise encontramos 5 resenhas das quais 3 mencionam alguma aproximação com a realidade brasileira que parte da aproximação da perda dos direitos feministas que a bancada política que tentavam proibir a legalização do aborto<sup>10</sup> das associações ao feminicídio e a perseguição das mesmas na internet, com reflexões acerca dos dispositivos e discursos de poderes bem construídos acerca do patriarcado como a imposição da família monogâmica ou tradicional, a falta de igualdade

---

<sup>10</sup> REDAÇÃO. **Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez.** Senado Notícias. 2016. Disponível em: [Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez — Senado Notícias](#). Acesso em: 29/04/2023.

salarial, a imposição do papel da mulher, impondo que seu lugar é dentro de casa, tornando um cenário muito propício para a instauração de um regime totalitário.

Dentro do segundo recorte temporal que aborda os anos de 2017 e 2018 encontramos 24 resenhas, sendo 12 no ano de 2017 e 12 no ano de 2018. Assim, no ano de 2017 a questão da influência da série começa a ser ressaltada como um incentivo para a leitura do livro, assim como a eleição de Trump nos Estados Unidos é apontada como um dos argumentos para o quão atemporal o livro parece ser. Deste modo, ao analisar como esses leitores interpretam a obra, os sentimentos como medo; assustador; angústia; temor; desconforto; surpresa; incredulidade; raiva; “não é um livro agradável de ler, apesar da riqueza narrativa, que deixa um gosto amargo e a marca de um tapa bem vermelho, no rosto” (VEM AQUI RAPIDÃO, 2017) são persistentes. No entanto, entre esses sentimentos, uma resenha se destaca por dizer que a estrutura do livro é tão envolvente que se sente afetada por toda a trama e que conseguiu sentir alegria, como podemos perceber pelo trecho: “até pequenas alegrias que nos são proporcionadas, pois criamos uma enorme empatia com a protagonista”, se referindo aos momentos que a personagem principal conseguia fazer algo que não era permitido. Assim, nesse recorte, a presença de resenhas que destacam à semelhança das páginas com algum traço da sociedade brasileira por meio de cenas fortes e nauseantes e que através delas o livro se configura como um “grito de alerta contra os grupos e pensamentos que vivem a espreita do poder”(LEITOR COMPULSIVO, 2017), com discursos falaciosos que prometem soluções para as problemáticas enfrentadas, destacando que esse tipo de discurso é notado diariamente, é maior. Como pode ser percebido pelas seguintes manchetes: “Vamos fuzilar a petralhada!”<sup>11</sup>, “Vamos banir e prender os vermelhos!”<sup>12</sup>

E apesar de termos 10 resenhas que não abordam em suas escritas uma relação direta de comparação com a sociedade brasileira, há uma atenção dos leitores aos sentimentos e comportamentos dos personagens alegando que é uma forma de trazer elementos que proporcionam a instauração de um sistema autoritário gradativamente, não muito diferente da sociedade contemporânea que assim como as Tias, mulheres estão contra mulheres, as relações são dominadas por machismo, destacando que o estado autoritário não é culpa da religião, mas, sim do fanatismo e da tirania (LEITORA VICIADA, 2017). Ou seja, a fragilidade do sistema

---

<sup>11</sup> RIBEIRO. Janaína. Set2018: “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. **Exame**. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em 9/11/2022.

<sup>12</sup>“Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria,” diz Bolsonaro. **Extra**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro-23174407.htm>. Acesso em: 3/4/2023.

democrático é compreendida e ressaltada pelos leitores, cabendo a nós questionar se seriam as movimentações do golpe de 2016 que destituiu a presidenta do poder, um dos acontecimentos históricos responsável por tais críticas mesmo que de forma indireta?

Atentando-se para o último recorte proposto (2019-2022) foi levado em consideração uma amostra de 25 resenhas, sendo 10 publicadas em 2019, 6 em 2020, 3 em 2021 e 6 em 2022, período que aborda toda a temporalidade de governabilidade de Bolsonaro. Nesse recorte, os leitores novamente retratam a atemporalidade da obra e evidenciam que o que faz com que ela ainda seja relevante é seu gênero, pois, seu objetivo natural é alertar para os perigos da intolerância e do preconceito, porém, seu destaque maior é justamente com a realidade, diferentemente de outras obras de ficção, uma vez que essa retrata muito bem questões de violência feminina que ocorre nas “vuelas e becos de muitas cidades brasileiras.” (BECO LITERÁRIO, 2019). Voltando-se para os sentimentos expressados na interpretação da obra, temos: incômodo, dor, tristeza, angústia assustador “entre as páginas nos bate angústia e uma sensação de impotência” (RAPOSANDO, 2019). Dentro dessas 10 resenhas 4 abordaram as relações feitas com a sociedade brasileira abertamente, 3 fizeram de maneira indireta, mas que conseguimos interpretar como um paralelo e 3 não enfocam nenhum tipo de correlação, fazem apenas a análise do conteúdo da obra.

Ademais, um relato entre as resenhas se destaca, ABOOKAHOLIC GIRL que alerta como as igrejas reproduzem um discurso semelhante ao papel desenhado pelas Aias, cuja função social da mulher é casar e ter filhos e a questão dos estudos que mal são incentivamos nesses locais, o que pode ser percebido novamente no Brasil contemporâneo e no (des)governo de Bolsonaro quando Edir Macedo diz que as mulheres não podem ter mais estudos que seu marido<sup>13</sup>. Assim, esse abuso de poder é alvo de várias resenhas publicadas em 2019, as quais destacam a proibição e negação dos direitos de trabalho feminino e a crescente notícias nos jornais sobre o aumento das situações em que mulheres dizem precisar da autorização do marido para poder realizar algumas atividades.

As resenhas do ano de 2020 é marcado por expressões de sentimentos em relação ao livro como assustador, tristeza, chocante, agonizante, incômodo e as questões postas são bem semelhantes as já abordadas até aqui - demonstram um certo espanto e desconforto com a atualidade da obra que mesmo escrita em 1985 continua sendo uma história do tempo presente. Questões ligadas ao gênero feminino são bem recorrentes nas comparações entre a possibilidade

---

<sup>13</sup>SOARES, Ingrid. **Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido**. Correio Brasiliense, 24/09/2019. Disponível em: [Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido](#) Acesso em: 2/12/2022.

de estarmos vivenciando alguns aspectos da sociedade gileadeana quando se trata sobre o controle dos corpos, a busca pela liberdade. Assim, como questões relacionadas ao machismo, ao sexismo, ao fundamentalismo religioso e preconceitos. Outra questão levantada pelos leitores é a estrutura textual que corrobora para a sensação de pertencimento devido ao grau de semelhança como ressalta o resenhista do blog Reino de Papel “como a narrativa eu senti como se a história fosse ainda mais real” (REINO DE PAPEL, 2019).

Acreditamos que parte disso se dá pelo fato de a obra ser escrita em primeira pessoa e a partir da perspectiva de Offred, a Aia, que é vista como personagem principal e portanto “para nós que vivemos em 2020, o que nos faz até pensar em um “livro profético”(REINO DE PAPEL, 2020). Porém como aborda RAFAELADILLYKICK “Brasil, 2020. Fanatismo religioso. Pandemia. Isolamento social. [...] fui capaz de sentir o mesmo que Offred em diversos aspectos”, mas “ não podemos dizer que a realidade atual do Brasil está nesse nível de totalitarismo, obviamente.” (RAFAELADILLYKICK, 2020). Ademais, como aponta o resenhista de Além do Livro, “não sinta alívio pelo fato de que a realidade de *O Conto da Aia* não se tornou a nossa. Lembre-se de que ainda existem milhões de mulheres vivendo sob diferentes tipos e graus de opressão. (ALÉM DO LIVRO, 2020).

O ano de 2021, por sua vez, é o ano desse recorte em que menos foram encontradas resenhas do livro. Ainda marcando os mesmos sentimentos negativos, uma dessas resenhas destaca que apesar da nossa realidade ainda não ser a de Gilead, um dos motivos que pode ter corroborado para com que ainda não estivéssemos mergulhados em um sistema parecido é porque “lutamos e continuaremos lutando - sempre lutaremos (ALÉM DO LIVRO, 2021). Ou seja, de forma geral a interferência dos ocorridos no cenário político e religioso afetaram as percepções dos leitores de *O Conto da Aia*, e um dos argumentos para a sustentação de tal posicionamento se dá pela forma de se posicionarem em suas resenhas, uma vez que abordam essas interseções e o perigo de nos tornarmos uma sociedade com o regime totalitário de forma indireta, mas não falam das ocorrências do governo Bolsonaro. Por que? Já estariam sobre um efeito de inação, de medo de tortura ou se autocensurando?

As resenhas que constroem o universo de amostras analisadas em 2022, diferentemente do que vimos em 2021, todas tecem críticas que retratam o quão verossímil apresenta a narrativa criada por Atwood, ou como os direitos civis e femininos estão sendo postos em xeque, e quanto essa proximidade causa a sensação de um soco no estômago por retratar questões sociais descritas em uma obra da década de 80 parecem tão atuais mesmo depois de 40 anos de seu lançamento, pois, governos “com base teleológicas e puritanas, patriarcais e opressões, são o

que mais existe!” (1001 NUNCCIAS, 2022). Porém, nenhuma dessas 6 resenhas afirma em termos concretos quais são essas sociedades, em qual realidade esse paralelo se faz presente, assim, como várias outras resenhas do universo total de amostras, o que nos leva a questionar quais foram os motivos para esse possível silenciamento nas escritas que não evidenciaram como fizeram outros resenhistas, alguns flertes que a obra tem com a sociedade brasileira. Seria esse movimento uma autocensura? Um medo traumático? Uma inércia aos acontecimentos? Uma alienação? Porque se referir às reflexões de forma tão genérica como é perceptível em “o quanto esse livro mostra uma realidade da qual enfrentamos todos os dias? É algo que, muitas vezes, pode até passar despercebido aos olhos de muitos, mas está ali”(PS LEITURAS, 2022). Ou até mesmo de forma indireta como é apresentado em Woo Magazine quando diz “é assustador perceber como um cenário tão presente e tão real que Atwood apresenta a nós, possa ser transformado em um pesadelo diante nossos olhos, fazendo-nos perder tudo que conquistamos com anos de luta” (WOO MAGAZINE, 2022). Ou seja, de forma indireta podemos interpretar que de alguma forma o contexto histórico político vivenciados por esses leitores acabaram refletindo de alguma maneira não apenas na forma deles se sentirem afetados pela obra, mas afetaram também a forma como se posicionam na internet.

Em linhas gerais, neste último recorte que aborda todo o período em que o Bolsonaro (des)geriu o país, os leitores apontam em suas resenhas as decepções e seus temores com o cenário político e como a leitura causou sentimentos de angústia, medo e terror. Pois, como bem evidencia a narrativa de O Conto da Aia, as imposições de um governo autoritário são postas de maneira lenta e gradual, no intuito de fazer com que poucas pessoas percebam a real situação em que se encaminha a democracia de um país, distorcem e manipulam propositalmente as informações para com que causem um pânico moral na sociedade para acreditarem que a proposta argumentada por esses grupos conservadores passe a ser vista como a única solução possível. Em outras palavras, destacam também que o livro tem um viés político, dizendo que o livro levanta questões que sequer serão respondidas e ressaltam a sensação de repetição do passado, mas que é preciso ter forças para resistir.

### **Como as memórias são evocadas?**

Em Gilead as lembranças e esquecimento do passado se encontram em uma mão de via dupla, ao mesmo tempo em que ele - o passado - é ressaltado por meio dos bons costumes pregados por meio das palavras que são completamente manipuladas de acordo com os anseios dos Comandante, como é o caso da justificação da imposição do papel das Aias por uma

**Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 51 – 71, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto**

passagem bíblica de Gênesis no capítulo 30.<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, há uma forte política de esquecimento da sociedade que antecedeu Gilead, como já foi mencionado acima, por meio da repressão e do medo, como também pela criação de uma nova identidade nacional por meio de novos símbolos e um novo nome para o território. Em um plano mais amplo, as reflexões do leitor nos remetem à sociedade contemporânea, como a vivenciamos e nossos projetos de futuro. Nas sociedades atuais, assim como em Gilead, o medo é constantemente manipulado para controlar a população, a diferença é que o mecanismo nos parece ser mais sutil com frases como: “não saia de casa”, “não faça barulho”, “a cidade está perigosa”, “volta cedo pra casa”, “polícia mata inocente”, “não veste essa roupa”. Estaríamos, portanto, vivenciando uma era pré-golpe segundo o clima de O Conto da Aia?

A memória não é sujeita ao tempo, mas, pode ser aniquilada pelo esquecimento, trata-se de um processo de recomposição e ornamentação dos processos históricos, além da noção de temporalidade que cerca o objeto, ou seja, a memória é ambígua (BERGSON, 1999, p. 169-170), pode ser utilizada para recordar o acontecimento, como para silenciar os mesmos acontecimentos. De qualquer forma, a memória por meio do “[...] passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.” (BOSI, 1994, p.59). Nesse sentido, podemos compreender por meio da análise de como os leitores de O Conto da Aia constrói suas interpretações em suas escritas publicadas nos blogs, na maioria das vezes afetados pela trama construída pela autora. Afetos esses que são embebidos de memórias, seja recordando através da reflexão crítica do passado diante da experiência dos personagens e seus sentimentos semelhantes aos processos sociais negativos ocorridos em nossa malha social, de forma direta ou indireta aqui entendida como um possível silenciamento da memória como uma negação da realidade, uma vez que a memória consiste em um conjunto de códigos que abrangem a identidade, impulsionando o indivíduo a refletir sobre si mesmo, seu eu, e a consciência que o define a partir da autorreflexão, estimulando o desenvolvimento de seu papel crítico e social, se tornando um produto das relações sociais.

Acreditamos que essa construção da sensibilidade ao ponto de estabelecer pontos de intersecção entre a narrativa e a realidade em certa medida se dá pela estrutura textual construída

---

<sup>14</sup> Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, teve inveja da sua irmã: “Dá-me filhos, disse ela ao seu marido, senão morro!” E Jacó irritou-se com ela. “Acaso, disse ele, posso eu pôr-me no lugar de Deus que te recusou a fecundidade?” Ela respondeu: “Eis minha serva Bala: toma-a. Que ela dê à luz sobre meus joelhos e assim, por ela, terei também filhos.” Deu-lhe, pois, por mulher sua escrava Bala, da qual se aproximou Jacó. Bala concebeu e deu à luz um filho de Jacó. Disse então Raquel: “Deus fez-me justiça. Ele ouviu minha voz e deu-me um filho.” (Gênesis, 30, 1-6).

pela autora que também se utiliza dos recursos da memória para construir a trama a partir da construção da narrativa que se assemelha a um testemunho em primeira pessoa e que recorre a vários *flashbacks* ao decorrer de seu relato, alternando os capítulos entre presente e passado, para dar mais credibilidade à história, como é bem notado pelos leitores.

Os leitores, portanto, fazem uma reflexão utilizando os elementos e experiências do passado a partir de suas experiências do presente e anseios para o futuro, acertando na reflexão proposta pela autora de fazer com que seus leitores reflitam sobre essas três dimensões agostinianas do tempo - passado, presente e futuro. De um passado que talvez não tenha passado, de um presente que ainda não se realizou plenamente e de um futuro que talvez já tenha chegado? Ademais, atentando-se para as projeções de nossos resenhistas podemos analisar como ocorreu esse processo. Analisando a resenha publicada no blog Quem lê sabe porquê (2019), podemos perceber a influência do passado recente ou longínquo em sua crítica e sua reflexão sobre a verossimilidade da obra que se deu pelo cenário político brasileiro estar inserido em uma forte onda conservadora, no qual não apenas políticos da extrema direita constroem seus discursos pautando o radicalismo e aclamando processos antidemocráticos, como também uma parcela da população pede por intervenção militar. Outra, resenhista em suas reflexões faz o paralelo com a construção deturpada dos discursos midiáticos e como a realidade em que vivemos representa uma estrutura neonazista (POESIA NA ALMA, 2017).

Mas o que me verdadeiramente me apavorou foi perceber o quanto é fácil tudo isso acontecer e o quanto estamos próximos de algo parecido. Olho à minha volta e vejo pessoas que conheço, pessoas de bem clamando por Intervenção Militar, comemorando a Ditadura, defendendo Escola sem Partido e elegendo um misógino, racista e homofóbico que defende ideias extremamente perigosas. Vejo uma ministra dizendo que meninas usam rosa e meninos vestem azul e todo mundo achando ok. Vejo um ministro da educação dizendo que universidade é para elites e um ministro de relações exteriores dizendo o nazismo é um movimento de esquerda! Vejo a nossa história sendo deturpada em prol de uma ideologia de extrema direita e pouquíssimas pessoas se manifestando contra. Não quero fazer desta resenha um texto político, mas é muito difícil se conter quando vemos tanto similaridade entre realidade e ficção. É claro que sei que o enredo de O Conto da Aia é uma alegoria, não sou tão tola para temer uma sociedade exatamente igual à de Gilead. Mas temos exemplos reais de opressão subjugado para temer, basta olhar imagens das mulheres iranianas antes da revolução que transformou o país em uma república teocrática. (QUEM LÊ SABE PORQUÊ, 2019)

Destarte, são as lembranças evocadas pelos leitores que nos abrem a possibilidade de pensar as questões e a influência da literatura para com a História, pois, são eles que dão sentido à obra por meio de suas memórias, experiências e identidades. Possibilitando por meio dessa

mesma ferramenta pensar a negação da evidência da memória direta descrita por esses leitores, como uma forma de complementação do processo sensível da recepção literária. Quando nos deparamos com reflexões que abordam indiretamente os vestígios da realidade que fazem imaginar o quanto é passível nos tornarmos uma sociedade calcada em um sistema autoritário e teocrático como é o caso da resenhista de *O Leitor Compulsivo*:

A barbárie que acontece ficticiamente em Gilead, principalmente e quase unicamente com as mulheres, acontece nas vielas e becos de países mundo a fora. As perseguições políticas e assassinatos de opositores de governos são realidade pouco além de nossas fronteiras. O radicalismo imposto, e aceito, é apontado como a saída para muitos dos problemas que assolam Oriente e Ocidente. Em suma, *O Conto da Aia* traz desconforto porque ele se mostra ameaçadoramente real em discursos e noticiários que temos acesso diariamente (O LEITOR COMPULSIVO, 2017)

Por que o resenhista de *O Leitor Compulsivo* associou o enredo do livro a diversas situações pelo mundo, mas não à do Brasil? Podemos questionar tal posicionamento a que Ricoeur designa de fragilidade de identidade<sup>15</sup>, relacionados ao tempo, ao passo que é notório suas avaliações no presente e a sua projeção do futuro, mas, afasta a problemática do presente vivido, como uma possível ameaça à própria questão da identidade quando o autor diz que tal fato pode estar ligado à rejeição e exclusão daquele que não pertence a nós. Em outras palavras, dado o contexto social e político que essas resenhas foram produzidas, a negação a uma crítica direta poderia estar ligada a uma autocensura devido ao medo de serem alvos de ressarcimento dessa parcela da população que faz com que a trama seja factível, abordando por fim a 3º causa da fragilidade da identidade - a relação de violência - que esses leitores podem ter em suas subjetividades, gerando feridas reais e simbólicas por meio do reconhecimento com a trama, os deixando frágeis ao ponto de se silenciar perante aos acontecimentos.

### Considerações finais

Uma das justificativas do “*O Conto da Aia*” ter repercutido tanto nos últimos anos são suas proximidades passíveis de se fazer com a realidade perante o senso comum e que as narrativas de ficção científica, ou melhor dizendo, ficção especulativa como a própria autora denominou o gênero de seu romance tem o propósito de trazer essa inquietação para o leitor por meio de uma perspectiva futurista que nos assombra devido ao grau de semelhança com a sociedade em que estamos inseridos. No intuito de fazer uma reflexão sobre o contexto inserido e de provocar uma reflexão sobre quais ações são necessárias para subverter os mecanismos

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

empregados como forma performativa dos discursos e dispositivos de poder instaurados pelo próprio estado, de forma a garantir a aceitação das regras por muitos indivíduos, ansiamos pela luta e pelo desejo de uma maior liberdade. Deste modo, não é concebível fazer uma leitura suave da narrativa, isso se dá pelo léxico social construído na escrita que torna os acontecimentos descritos em “símbolos sociais; isto é, transcendem sua natureza de sinais linguísticos e se tornam representantes de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribui tudo, desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas” (LARA, 2006, p.214). Assim, o léxico social permite que a fonte literária seja constituída e construtora de sentidos acerca da realidade. Ainda que não possamos dizer que a vivência das questões sociais brasileiras influenciaram na recepção d’O conto da Aia, é certo que a obra interferiu nas formas de perceber o mundo pelos leitores, interferiu na sua consciência histórica.

Por meio desse pequeno esboço é perceptível que as narrativas distópicas não apenas permitem relacionar memória, história e sociedade, como abrem um novo campo de reflexão que requer a própria ampliação do conceito de memória social. Com a reflexão dos processos descritos nas obras é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” que é uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista. Pois em um país marcado por uma memória fraca sobre sua história, a atuação política de Bolsonaro fortalece a amnésia coletiva, como uma cosmovisão, portanto, que objetiva bloquear uma agenda e determinar uma forma de exercer o poder político. Tudo marcado por uma violência discursiva que não disfarça um autoritarismo calcado em ideologias nazistas, a pôr em risco o processo democrático.

As narrativas distópicas abrem um novo campo de reflexão que requer a própria ampliação do conceito: a memória do que já se viu revestida do que ainda apenas se especula, o que parece retomar o compromisso da literatura com a sociedade e o compromisso da própria arte com a memória social, que com a reflexão dos processos descritos nas obras é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” que é uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista.

## Referências:

1001 NUNCCIAS. **Resenha [livro] O Conto da Aia.** [Blog]. Disponível em: <https://1001nuccias.blogspot.com/>. Acesso em: 31/03/2023.

A MINA DE FÉ. **Resenha o conto da Aia.** 2021. Disponível em: <http://www.aminadefe.com/2021/04/resenha-o-conto-da-aia.html?m=1>. Acesso em: 31/03/2022.

ABOOKAHOLIC GIRL. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood.** [Blog], 03 dez. 2019. Disponível em: <https://abookaholicgirl.wordpress.com/2019/12/03/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret-atwood/>. Acesso em: 31/03/2023.

ALÉM DO LIVRO. **Resenha de "O Conto da Aia", Margaret Atwood.** [Blog], 02 fev. 2021. Disponível em: <https://alemdolivro.com/2021/02/02/resenha-de-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 31/03/2023.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia.** São Paulo. Rocco. 2017.

BECO LITERÁRIO. **Resenha: O Conto da Aia.** [Blog], Disponível em: <https://encurtador.com.br/ghyZ6>. Acesso em: 21/03/2023.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.** 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

DE LIVRO EM LIVRO. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood.** [Blog], Ago. 2018. Disponível em: <http://www.delivroemlivro.com.br/2018/08/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret.html>. Acesso em: 1/03/2023.

DELIRIUM NERD. [literatura] **Mulheres escritoras de sci-fi 5: Margaret Atwood.** [Blog], 06 abr. 2016. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2016/04/06/escritoras-sci-fi-margaret-antwood/>. Acesso em: 1/03/2023.

“Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria,” diz Bolsonaro. **VEJA.** Disponível em: [“Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”, diz Bolsonaro | VEJA](https://veja.abril.com.br/bolsonaro/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria/). Acesso em: 3/4/2023.

ESCOTILHA LITERÁRIA. **Livro: O Conto da Aia, Margaret Atwood - Resenha Crítica.** [Blog], Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood-resenha-critica/>. Acesso em: 1/03/2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **The Handmaid’s Tale’ vira ópera em Londres.** Disponível em: <https://encurtador.com.br/hqCQ3>. Acesso em: 31/02/2023.

INFINITAS VIDAS. **INFINITAS VIDAS. Resenha: O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://infinitasvidas.wordpress.com/2018/08/29/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

JANELA LITERÁRIA. **JANELA LITERÁRIA. Resenha: O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog], Dez. 2018. Disponível em: <https://www.janelaliteraria.com.br/2018/12/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 18/03/2023.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1994

LARA, L. F. **Curso de lexicologia**. México: El Colegio de México, 2006.

LEITOR COMPULSIVO. **Resenha: O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog]. 2017. Disponível em: <https://leitorcompulsivo.com.br/2017/08/15/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

LEITORA VICIADA. **O Conto da Aia.** [Blog]. Disponível em: <https://www.leitoraviciada.com/2017/08/o-conto-da-aia.html>. Acesso em: 18/03/2023.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 51 – 71, ago. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

- LULUNETTES. Livro: **O Conto da Aia**, Margaret Atwood. [Blog]. Disponível em: <https://lulunettes.wordpress.com/2015/10/03/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.
- NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. **Entrevistas**, Cad. Trad. 40. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308> . Acesso em: 31/03/2023.
- PS LEITURAS. **Resenha: O Conto da Aia**. [Blog], Jul. 2020. Disponível em: <https://www.psamoleitura.com/2020/07/resenha-o-conto-da-aia.html>. Acesso em: 8/04/2023.
- RAFAELADILLYKICK. **O Conto da Aia**. [Blog], 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.rafaeladillykich.com.br/2020/07/07/o-conto-da-aia/>. Acesso em: 8/04/2023.
- RAPOSANDO. **O Conto da Aia - Resenha Literária**. [Blog], Disponível em: <https://raposando.com/o-conto-da-aia-resenha-literaria/>. Acesso em: 8/04/2023.
- REDAÇÃO. **Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez**. Senado Notícias. 2016. Disponível em: [Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez — Senado Notícias](https://www.senado.gov.br/noticias/2016/04/projeto-caracteriza-aborto-como-crime-em-qualquer-fase-da-gravidez). Acesso em: 29/04/2023.
- REINO DE PAPEL. **O Conto da Aia**. [Blog], Out. 2020. Disponível em: <https://reinodepapel.com/2020/10/o-conto-da-aia/>. Acesso em: 8/04/2023.
- RIBEIRO, Janaína. Set2018: “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre.Exame. 2018. Disponível em: [Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre | Exame](https://www.exame.com.br/2018/09/set2018-vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre-exame) . Acesso em 9/11/2022.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SNIGURA, Marcos. **Filmes The Handmaid's Tale: A decadência de uma espécie - legendas**. Disponível em: [Filme The Handmaid's Tale: A Decadência de uma Espécie - Legendas](https://www.snigura.com.br/filmes-the-handmaid-s-tale-a-decadencia-de-uma-especie-legendas) Acesso em: 30/07/2022.
- SOARES, Ingrid. **Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido**. Correio Brasiliense, 24/09/2019. Disponível em: [Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido](https://www.correio.com.br/2019/09/24/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido) Acesso em: 2/12/2022.
- THE GUARDIAN. **Trump election reframed tv version of The Handmaid's Tale says Margaret Atwood**. Disponível em: [Trump election reframed TV version of The Handmaid's Tale, says Atwood](https://www.theguardian.com/us-news/2023/may/30/trump-election-reframed-tv-version-of-the-handmaid-s-tale-says-atwood). Acesso em: 30/05/2023.
- VEM AQUI RAPIDÃO. **Resenha Crítica: O Conto da Aia, Margaret Atwood**. [Blog], Nov. 2017. Disponível em: <http://www.vemaquirapidao.com/2017/11/resenha-critica-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 20/04/2023.
- WALTER, Benjamin. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Brasiliense. 2022.
- WOO MAGAZINE. **Resenha: O Conto da Aia**. [Blog]. Disponível em: [Resenha: O Conto da Aia - Woo! Magazine!](https://www.woomagazine.com.br/resenha-o-conto-da-aia) Acesso em: 20/04/2023.